

# Revista Expressão, da UFPI: o processo de institucionalização da linguística no Piauí

## Journal Expressão, UFPI: the linguistics institutionalization process IN Piauí

Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos\*  
Maria de Jesus Medeiros Torres\*\*  
Raimunda da Conceição Silva\*\*\*

### RESUMO

Este artigo apresenta uma historicização da institucionalização e desenvolvimento da Linguística no Piauí a partir da análise de algumas pesquisas e depoimentos<sup>1</sup> de professores da Universidade Federal do Piauí (UFPI). A análise dos dados baseou-se no princípio da Contextualização (KOERNER, 2014), nos Programas de Investigação (SWIGGERS, 2004), e na ideia de orientação de pesquisa (ALTMAN, 2016). As análises mostram que a revista Expressão exerceu importante papel para o desenvolvimento da pesquisa linguística no Piauí, e a existência de um ecletismo teórico.

**Palavras-chave:** Historiografia Linguística; revista Expressão; institucionalização da Linguística no Piauí; UFPI.

Recebido em 29 de agosto de 2019.

Aceito em 23 de janeiro de 2020.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.325

\*Universidade Federal do Piauí, marcelodosanjos@ufpi.edu.br, orcid.org/0000-0001-9151-2658

\*\*Universidade Federal do Piauí, mjmt.mariah@gmail.com, orcid.org/0000-0003-1425-352X

\*\*\*Universidade Federal do Piauí, rai\_ufpi@outlook.com, orcid.org/0000-0002-3089-7942

1 Em *Historiografia Linguística*, os relatos de memórias e depoimentos constituem-se como fontes para a reconstrução do passado de um determinado objeto de estudo. Para Seixas (2001, p. 95), a memória se articula como uma possibilidade de se fazer “‘reviver’ o passado, fazê-lo ressurgir de um aparente ‘não lugar’ para assombrar ou fecundar o presente, de uma memória coletiva que possa, de alguma forma, resgatar o que não é mais imediato e socialmente articulado e representado”.

## ABSTRACT

This article presents a history of institutionalization and development of Linguistics in Piauí from the analysis of some research and testimonials<sup>2</sup> of professors at the Federal University of Piauí. Data analysis was based on the Contextualization principle (KOERNER, 2014), the Research Programs (SWIGGERS, 2004) and the idea of research orientation (ALTMAN, 2016). The analysis shows that *Expressão* journal played an important role for the development of linguistic research in Piauí, and the existence of a theoretical eclecticism.

**Keywords:** Linguistic Historiography; journal *Expressão*; institutionalization of Linguistics in Piauí; UFPI.

## Introdução

Este artigo apresenta um estudo historiográfico acerca do processo de institucionalização e desenvolvimento da Linguística<sup>3</sup> no Piauí, a partir da análise de algumas pesquisas e depoimentos de professores da UFPI. A investigação tem, como foco, a análise de (i) quatro volumes da revista *Expressão*, quais sejam: v. 1 (1994), v. 2, n. 2 (1995), v. 3 (1998) e v. 4 (2000); e de (ii) depoimentos<sup>4</sup> de alguns professores da Instituição, cujo teor foi importante para a compreensão do contexto de produção e divulgação dos estudos linguísticos aqui analisados<sup>5</sup>.

Procurando situar as pesquisas linguísticas publicadas na revista *Expressão* como consequências de esforços de comunidades de pesquisadores, com formas de atuação específicas em seu tempo, foram utilizados, como categorias de análise da Historiografia Linguística (HL), o princípio da *Contextualização*<sup>6</sup> (cf. KOERNER, 2014), o qual é inerente ao trabalho historiográfico e tido como um elemento norteador de qualquer investigação que se propõe a olhar para o conhecimento linguístico em épocas passadas, permitindo a observação do contexto de produção,

---

2 In Linguistic Historiography, the reports of memories and statements are resources for the reconstruction of the past of a particular object of study. According to Seixas (2001, p. 95), memory is articulated as a possibility of “reviving” the past, reviving it from an apparent “no place” to haunt or fertilize the present, from a collective memory that can somehow rescue what is no longer immediate and socially articulated and represented”.

3 O conhecimento da história e do desenvolvimento da Linguística é inerente à formação geral de linguistas, bem como de estudantes dos cursos de Letras (cf. KOERNER, 2014). Importa, também, se ter uma compreensão do processo de desenvolvimento desta disciplina nas universidades brasileiras, uma vez que a sua institucionalização não se deu de forma igual em todas essas instituições (ALTMAN, 1998).

4 Todos os depoimentos que constam neste artigo, a não ser os de domínio público, foram devidamente autorizados pelos depoentes, professores da UFPI, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE/CEP/UFPI). Certificado de apresentação para Apreciação Ética (CAAE) n.º 09959319.9.0000.5214. Os depoimentos colhidos para esta pesquisa estão indicados, em itálico e com recuo, no corpo do texto, como *Depoimento pessoal*.

5 Alguns dos docentes entrevistados, como os professores José Reis Pereira, Francisco Alves Filho e Maria Auxiliadora Ferreira Lima, participaram da elaboração da revista *Expressão*, contribuindo com trabalhos que foram publicados no periódico.

6 “1.º O primeiro princípio para a apresentação das teorias linguísticas propostas em períodos mais antigos tem a ver com o estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral do período em questão. As ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período em que surgiram” (KOERNER, 2014, p. 58).

de recepção e o desenvolvimento do conhecimento linguístico produzido em uma dada época e local; o conceito de *Programas de Investigação* (cf. SWIGGERS, 2004), que permitiu uma análise interna das pesquisas linguísticas publicadas na revista em análise, seguindo os três parâmetros de análise que circundam esses programas: *visão de língua, incidência de análise e técnica*; bem como a ideia de *orientação de pesquisa*<sup>7</sup> (cf. ALTMAN, 2016), que possibilitou o estabelecimento das orientações de pesquisa que circundavam os trabalhos linguísticos compulsados.

Considerou-se, ainda, a ideia de *evolução*<sup>8</sup>, de Fleck<sup>9</sup> (2010 [1935]), uma vez que a perspectiva epistemológica deste autor dialoga com os propósitos da HL, quando considera que o conhecimento é essencialmente um processo histórico-social, cuja análise deve ser pautada em um viés *evolutivo*.

A próxima seção apresenta um breve percurso histórico acerca do processo de institucionalização da Linguística no Piauí, de modo a trazer reflexões contextualizadas sobre os eventos que favoreceram o surgimento da disciplina no contexto da UFPI.

## 1. A criação do espaço institucional da Linguística no Piauí

Em 1971, foi criada a UFPI, que passou a integrar os cursos da antiga e extinta Faculdade de Filosofia do Piauí – FAFI<sup>10</sup>, além das Faculdades de Direito, Odontologia, Medicina e

7 Na esteira de Altman (2016), *orientação de pesquisa* é a área de estudos específica para a qual um pesquisador ou um grupo de pesquisadores em Linguística se dedica, de modo a conferir um tratamento especializado aos dados linguísticos. Segundo a autora, são orientações de pesquisa: *Gramatical (descritiva), Uso/Variação, Histórica, (Meta)teórica, Aplicada, Literária, (s)dados de língua*.

8 A ideia de *evolução* sustentada neste artigo, assim como defende Fleck (2010 [1935]), não considera as descobertas do presente acerca do fato científico como sendo melhores do que as do passado. Nesse sentido, a ideia de evolução é importante e se articula com o fazer historiográfico em Linguística porque mostra que o conhecimento científico é um processo evolucionário, ou seja, o surgimento de novos fatos científicos resulta de um processo de mutação continuada, o qual acontece de forma gradual e lenta, considerando movimentos de avanços e retomadas. Corroborando essa mesma visão, Swiggers (2018, p. 23) afirma que a evolução deve ser considerada “como fluxo ou mudança, não (necessariamente) como progresso”.

9 Ludwik Fleck (1896-1961), autor da obra *Gênese e desenvolvimento de um fato científico* (1935).

10 “As antigas Faculdades de Filosofia, inspiradas no modelo adotado, na década de 1930, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, visavam à formação do pesquisador e à preparação de candidatos ao magistério secundário e superior” (cf. NUNES, 1991 *apud* REGO; MAGALHÃES, 1991). Em contraposição à informação anterior, fornecida pelo professor Manoel Paulo Nunes, é relevante salientar que a *Reforma Francisco Campos*, em seu decreto nº 19.852 de 11 de abril de 1931, definiu que o modelo de universidade a ser adotado pelas diversas faculdades brasileiras foi o da antiga Universidade do Brasil, atual UFRJ (cf. ROTHEN, 2007). A FAFI iniciou suas atividades no dia 7 (sete) de abril de 1958, com a oferta de três cursos de nível superior, quais sejam: Letras Neolatinas, Filosofia e Geografia/História (estes últimos funcionavam como cursos integrados à época). É importante ressaltar que, em 1931, foi implantada a Faculdade de Direito do Piauí (FADI), primeira faculdade do Estado, cujo foco era a formação da sociedade elitizada piauiense (SILVA, 2019).

Administração. A organização do Curso de Letras Neolatinas, conforme o regimento da FAFI, de 1962, (cf. RÊGO; MAGALHÃES, 1991), pode ser visualizada no quadro síntese abaixo:

**Quadro 1.** Organização do Curso de Letras Neolatinas por série. FONTE: Quadro organizado pelos autores desta pesquisa a partir de RÊGO; MAGALHÃES (1991).

SÉRIE	DISCIPLINAS
1ª série	Língua e literatura latina; Língua e literatura francesa; Língua e literatura italiana; Língua e literatura espanhola; Língua Portuguesa; Introdução à Filosofia; Introdução à Teologia.
2ª série	Língua e literatura latina; Língua e literatura italiana; Língua e literatura espanhola; Língua e literatura francesa; Literatura brasileira; Literatura portuguesa; Língua Portuguesa; Teologia dogmática.
3ª série	Literatura portuguesa; Língua Portuguesa; Literatura e língua francesa; Literatura brasileira; Literatura hispano-americana; Literatura e língua italiana; Filologia românica; Teologia moral.

Estas informações indicam o quanto era marcante a presença de disciplinas de línguas e literaturas de várias línguas românicas<sup>11</sup>. Isso favorece a compreensão de que, na década de 1960, ainda era mais forte a presença do programa de investigação relativo à Filologia, o qual predominou, no Brasil, nas décadas de 1950 e 1960, sendo rivalizado pelo programa de investigação da Linguística, principalmente, a partir da década de 1970 (ALTMAN, 1998; COELHO, 2018)<sup>12</sup>. Como visto no quadro acima, não há menção à disciplina Linguística. Isso pode estar associado ao fato de que a obrigatoriedade do ensino desta disciplina em todas as Faculdades de Letras do país passou a vigorar somente em 19 de outubro de 1962, o que pode sugerir que a elaboração da lista de disciplinas do Curso de Letras Neolatinas antecedeu o período em que passou a vigorar a obrigatoriedade do ensino da referida disciplina. A própria concomitância entre o regimento da FAFI e a obrigatoriedade do ensino da disciplina Linguística (ambos de 1962<sup>13</sup>) pode explicar a não inclusão da disciplina no regimento. Contudo, é possível afirmar que, mesmo não constando na lista apresentada pelas autoras, esta disciplina já era

11 *A orientação de estudo* (cf. ALTMAN, 2016) predominante no curso de Letras, à época, era mais voltada para a língua, no âmbito do ensino e com um viés mais tradicional, e para a literatura, haja vista a quantidade de disciplinas voltadas às diversas literaturas e línguas românicas (francesa, italiana, espanhola e portuguesa).

12 Conforme Coelho (2018, p. 60-61), o desinteresse da comunidade científica com relação ao programa da Filologia é mais evidente a partir da década de 1970, marcando uma ruptura institucional e com a orientação histórica no estudo da língua; bem como apresentando um importante fator de diversificação teórica e metodológica, e favorecendo uma maior coesão profissional entre um grupo emergente de *scholars*.

13 Rêgo e Magalhães (1991) não explicitam o mês em que o regimento da FAFI foi elaborado e, até o momento, não foi identificada qualquer fonte que possa ajudar nesse esclarecimento.

ministrada no Curso, no início de 1960. Isso pode ser constatado a partir do seguinte depoimento, fornecido pelo Pe. Raimundo José Airemoraes Soares (1933-), professor titular aposentado:

Havendo eu chegado à Teresina, após conclusão dos estudos em 1959, a partir de 1960, comecei a trabalhar na FAFI. Apesar de não credenciado oficialmente para o curso de Letras Neolatinas (meu credenciamento foi para o curso de Filosofia), por força das circunstâncias, lecionei no curso de Letras Neolatinas as disciplinas de História da Língua Portuguesa, Língua Francesa, Filologia Românica, *Linguística* e Doutrina Social da Igreja, disciplina esta integrante do então currículo da FAFI (RÊGO; MAGALHÃES, 1991, p. 40. Grifo nosso).

Esse depoimento revela que já circulavam, em 1960, e de modo pontual, as primeiras ideias acerca da Linguística em solo piauiense, embora esta disciplina ainda não fosse formalizada no regimento da FAFI. No Brasil, é bom lembrar, a implantação da Linguística, como uma área autônoma de ensino e pesquisa, ocorreu mediante o parecer 283/62, do Conselheiro Raimundo Valnir Cavalcante Chagas (1921-2006), do Conselho Federal de Educação – CFE, passando a vigorar em 19 de outubro de 1962. Esse marco legal introduziu um novo currículo para os cursos de Letras de todo o país, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da disciplina Linguística (FIORIN, 2006; ALTMAN, 2018). Levando em conta o momento dessa obrigatoriedade, é lícito supor que a propagação das primeiras ideias sobre a disciplina no Piauí pode ter muito mais a ver com o ecletismo e o autodidatismo da figura individual do Pe. Raimundo José.

É importante, pois, chamar a atenção para a realidade dos professores que lecionavam as disciplinas listadas no depoimento do clérigo, incluindo a Linguística, uma vez que a maioria deles era leiga na área, ou mesmo curiosa e interessada na área dos estudos sobre a linguagem. Isso é confirmado no depoimento, a seguir, de uma ex-aluna da FAFI, Maria Cecília da Costa A. Mendes, a qual, posteriormente, tornou-se professora do Curso de Letras na UFPI:

Os professores eram os mais renomados da cidade [...]. Trabalhavam por idealismo. A remuneração era baixa – como horistas – era simbólica e saía com meses de atraso. Nem por isso havia greves. Mas importava ser pioneiro na formação de professores graduados e servir ao ensino do Piauí, conduzido, então, na maior parte, por professores leigos (RÊGO; MAGALHÃES, 1991, p. 46).

A trajetória do professor José Reis Pereira ilustra a realidade dos docentes do Curso de Letras da UFPI, nos primeiros anos de vigência da disciplina Linguística, pois, como primeiro professor oficial da disciplina<sup>14</sup>, mostrou-se um grande curioso e interessado pelos estudos

14 Conforme depoimento pessoal (2019), o professor José Reis Pereira ingressou como docente no Curso de Letras da UFPI em 1971 e, em 1972, logo no primeiro semestre, ministrou a disciplina *Língua Portuguesa*.

sobre linguagem/língua. Em depoimento, ele corrobora o fato de o Pe. Raimundo José ter sido o pioneiro nas reflexões acerca da Linguística no Piauí:

*Quem começou a ensinar Linguística, com esse nome, foi o padre Raimundo José Airemoraes. Não sei o ano exato em que ele começou. Entrei na Faculdade de Filosofia em 1965. Mais tarde, quando o padre Raimundo José assumiu as disciplinas de Língua Portuguesa, ele começou a lecionar linguística (entre 1967 e 1968). Em 1969, fui seu aluno na disciplina Linguística. Ele tinha formação em Filosofia e Teologia, mas era um curioso perspicaz e muito interessado em línguas. Não se falava em linguística antes disso. Falava-se em filologia românica e em história da língua portuguesa. A bibliografia<sup>15</sup> que ele usava, no geral, resumia-se ao livro de Francisco Borba<sup>16</sup> e aos “Princípios de Linguística Geral”<sup>17</sup>, de Mattoso Câmara<sup>18</sup>. No entanto, o professor apresentava ideias de Saussure<sup>19</sup> (Depoimento pessoal de José Reis Pereira, 2019).*

A presença de uma orientação filológica nesse recorte de tempo corrobora o fato de que essa orientação de estudos se fez presente nos primeiros anos do Curso de Letras Neolatinas e que as discussões, em particular, fossem mais voltadas para o ensino e para a literatura de algumas línguas românicas, no contexto da FAFI. Portanto, essas tantas disciplinas de línguas e literaturas românicas podem confirmar a tese de que o programa de investigação predominante era, de fato, o filológico.

Nesse sentido, ao comparar esses dados, no contexto piauiense, aos que Altman (2016) apresenta, em relação à orientação de estudo que norteia os artigos que foram publicados na *Revista Brasileira de Filologia* (RBF), no período de 1955 a 1961, vê-se uma *continuidade*, pois, de acordo com a pesquisa realizada pela autora, houve, nesse período, uma predominância na orientação de estudo histórica/filológica<sup>20</sup>.

No mesmo ano de criação da UFPI, em 1971, José Reis Pereira passa a integrar o quadro de docentes desta Instituição, sendo o primeiro professor a ministrar a disciplina voltada para a Linguística, que, à época, era denominada de Introdução à Linguística:

---

15 Ao longo de alguns depoimentos, os professores entrevistados fizeram menção a vários autores da Linguística, os quais foram tomados como referência para as reflexões realizadas nas aulas da graduação. No entanto, apenas em alguns casos foram citados o nome das obras.

16 Francisco da Silva Borba (1932-).

17 A primeira edição é de 1941 (cf. Uchôa, 2004).

18 Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1904-1970).

19 Ferdinand de Saussure (1857-1913).

20 Importa, ainda, considerar que a predominância da orientação histórica/filológica, em algumas das universidades, pode ser justificada pela formação filológica recebida pelo idealizador da RBF, o filólogo e romanista Serafim da Silva Neto (ALTMAN, 2016).

*Comecei a lecionar no curso superior em 1971<sup>21</sup>, inicialmente, no primeiro semestre, acredito, com uma disciplina de Língua Portuguesa. Deveria ser uma disciplina voltada para a gramática tradicional, formal e normativa. Mas eu tinha acabado de descobrir o Othon Moacir Garcia<sup>22</sup> e comecei a utilizá-lo com os alunos, de forma que a disciplina, que se havia iniciado com gramática pura, transformou-se num curso de redação. Ao lado disto, comecei a estudar Linguística, porque sabia que iria assumir essa disciplina no ano seguinte. Li muito Saussure, Mattoso Câmara, Martinet<sup>23</sup>, Ducrot<sup>24</sup> e os números da “Revista Vozes<sup>25</sup>” que estivessem voltados para a linguística (Depoimento pessoal de José Reis Pereira, 2019).*

As leituras que José Reis Pereira empreendia no início de sua trajetória como professor da área da Linguística sugerem que suas referências eram muito influenciadas pelo momento inicial dos estudos científicos acerca da linguagem. Isso é comprovado pela menção que o docente faz, várias vezes, em seus depoimentos, a linguistas como Saussure<sup>26</sup> e Câmara Júnior<sup>27</sup>.

Ao relatar a sua experiência enquanto discente do Curso de Letras da UFPI, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa<sup>28</sup> ratifica as afirmações do professor José Reis Pereira:

*Em 1972, fui aprovada no vestibular para o curso de Letras da UFPI. Fui aluna da primeira turma de Letras após a implantação da Fundação Universidade Federal do Piauí. Eu cursei a disciplina “Introdução à Linguística” com o professor José Reis Pereira, no segundo semestre de 1972. Nessa época, tive notícia dessa disciplina (parece que com nome diferente) ministrada na FAFI pelo Pe. Raimundo José Airemorais Soares (Depoimento pessoal de Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa, 2019).*

Quando passou a ministrar, em 1972, a disciplina Introdução à Linguística, José Reis Pereira relata que enfrentou dificuldades para articular os conhecimentos demandados pela nova disciplina, de modo que teve de fazer grande esforço para conseguir êxito em tal empreitada.

---

21 É importante lembrar que a UFPI foi implantada em 1971, mas o Curso de Letras passa a funcionar, de fato, em 1972, conforme Rêgo e Magalhães (1991).

22 Othon Moacir Garcia (1912-2002).

23 André Martinet (1908-1999).

24 Oswald Ducrot (1930-).

25 Foram realizadas algumas buscas em relação à *Revista Vozes*, mencionada pelo professor. No entanto, não foram encontrados nomes compatíveis com o fornecido pelo docente, mas outros que destoam um pouco. Tendo em vista essa imprecisão, optou-se por não trazer informações sobre o veículo.

26 Cujas ideias linguísticas, por meio do *Curso de Linguística Geral*, foram responsáveis por inserir o Brasil no fluxo de renovação das ciências humanas, nos anos 1960, por meio da disciplina *Linguística* (ALTMAN, 2018).

27 Fundador e mentor da pesquisa linguística no Brasil, institucionalizada e reconhecida como o programa de investigação da disciplina *Linguística* (ALTMAN, 2018).

28 Primeira professora doutora do Curso de Letras da UFPI. (cf. *Depoimento pessoal*, 2019).

Isso porque tinha, no currículo, apenas a graduação, pautada, sobretudo, em um viés mais gramatical, sem muito espaço para reflexões linguísticas. Sobre isso, afirma o professor:

*Eu tinha apenas a graduação em licenciatura em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas Portuguesa e Brasileira), e era recém-formado. Tive que compensar as deficiências teóricas com muito estudo e contatos com professores de outros estados, principalmente São Paulo. Em 1973, por exemplo, fui a um congresso de linguística em São Paulo, e isto foi muito proveitoso (Depoimento pessoal de José Reis Pereira, 2019).*

Sobre como empreendia as discussões linguísticas nos anos iniciais da disciplina na UFPI, o professor sobreleva o fato de que a Linguística, naquele contexto, apresentava uma forte carga teórica, de modo que trazia, dentre alguns poucos temas, os conceitos básicos de Saussure, levando a maioria dos alunos a admitir um alto grau de dificuldade de entendimento dos conceitos ministrados, em razão de sua complexidade teórica:

*A disciplina tinha um início com forte característica teórica, com a concepção de linguagem, langue e parole de Saussure, discussão de funções da linguagem segundo Jakobson<sup>29</sup>, e noções de semântica e de variação linguística. Levava os alunos a ler e discutir o livro de Saussure (cheguei a ser recriminado por colegas, de que estaria forçando muito com os alunos, num assunto difícil). Depois, na segunda parte da disciplina, analisava a Língua Portuguesa (fonologia e morfologia), com base nos livros de Mattoso Câmara<sup>30</sup>. Isso tudo acontecia com muitas reações contrárias dos alunos e de alguns professores (Depoimento pessoal de José Reis Pereira, 2019).*

Esses dois depoimentos reafirmam o que foi posto em relação às dificuldades encontradas após a implantação da Linguística nos cursos de Letras do país, sobretudo, devido à falta de profissionais capacitados para desenvolver a tarefa de ministrar uma nova disciplina. Um cenário dificultoso nos grandes centros que não poderia fugir à regra no Estado do Piauí, onde o ensino de nível superior ainda andava a passos lentos.

Esse cenário começou a mudar, mesmo que de forma tímida, pouco tempo depois que a disciplina foi oficializada na UFPI. Na ocasião, conforme depoimento<sup>31</sup> pessoal da professora Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa (2019), em 1974, José Reis Pereira fez o curso de Mestrado em Letras, na área de Linguística, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Isso fez com que, segundo ela, fosse amadurecido o nível das discussões

29 Roman Jakobson (1896-1982).

30 O professor não mencionou o nome dos livros de Mattoso Câmara aos quais fez referência.

31 O meu professor de Introdução à Linguística, em 1972, foi o professor José Reis Pereira. Nessa época, era apenas graduado. Logo depois, em 1974, ele fez curso de Mestrado em Letras, na área de Linguística, na PUC do Rio de Janeiro (Depoimento pessoal de Catarina de Sena Siqueira Mendes Costa, 2019).



linguísticas que o docente empreendia com seus alunos. Em 1976, a professora Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa ingressou na UFPI como docente, ministrando as disciplinas “Português I” e “Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa”<sup>32</sup>. Pouco tempo depois, em 1979, a docente também defendia sua dissertação de Mestrado em Letras, na área da Linguística, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (cf. *Depoimento pessoal*, 2019). Sobre esse cenário de mudanças, já na década de 1980, afirma a professora:

*Na década de 1980, alguns colegas nossos do Departamento de Letras concluíram o curso de Mestrado em Letras, na área de Linguística, como a professora Ismênia Reis, professora Helena Gina de Carvalho Reis, professora Maria do Socorro Borges Chaves e o professor Ubiraci de Carvalho. Todos eles ministraram, posteriormente, disciplinas da área da Linguística (Depoimento pessoal de Catarina de Sena Sirqueira Mendes Costa, 2019).*

A situação dos estudos linguísticos no contexto da UFPI na década de 1980, conforme depoimento<sup>33</sup> pessoal da professora Maria Auxiliadora Ferreira Lima, docente do Curso de Letras da UFPI desde 1985, seguia um viés estruturalista, uma vez que, confirmando a fala da professora Catarina de Sena, afirma que a disciplina, à época,

*era vinculada mais às discussões de Saussure, aos conceitos de língua, fala..., então, era uma introdução à Linguística calcada nos valores estruturalistas; e as questões teóricas foram se alargando com o tempo, quando esses professores voltavam do Mestrado ou Doutorado (Depoimento pessoal de Catarina de Sena Sirqueira Mendes Costa, 2019).*

Para a referida professora, à época, prevalecia uma resistência à disciplina Linguística por parte dos docentes, o que era reforçado pelos alunos do Curso de Letras da UFPI. Isso porque:

*na época, havia certa aversão à Linguística, questão muito forte, pois alguns professores achavam que a Linguística iria tomar o lugar da gramática, uma vez que muitos professores eram arraigados à gramática, assim como alunos, e achavam que a disciplina condenava a gramática. Então, essa disciplina, relativamente nova, era um choque para a maioria (Depoimento pessoal de Maria Auxiliadora Ferreira Lima, 2019).*

32 (cf. Depoimento pessoal, 2019)

33 *Em 1985, a disciplina Linguística já existia. Nesse contexto, não comecei ainda a disciplina Introdução à Linguística, a qual só fui começar a ministrar por volta do primeiro semestre de 1987, quando o professor Ubiraci se afastou para se dedicar à política. A primeira disciplina ministrada por mim foi Português I, referente à leitura e produção de texto. A partir de 1987, passei a trabalhar com as disciplinas de Sintaxe, Morfologia, Introdução à linguística, Linguística II (Depoimento pessoal de Maria Auxiliadora Ferreira Lima, 2019).*

Conforme o professor José Reis Pereira, a partir do ano de 1984, o hoje extinto Departamento de Letras decidiu ampliar o leque de ofertas de disciplinas de Linguística, criando a disciplina Linguística II, que passou a integrar o quadro de disciplinas obrigatórias do Curso. Nessa época, a disciplina Linguística II era dedicada totalmente à sintaxe, motivo pelo qual ele se debruçou muito sobre as ideias linguísticas de Martinet. Outras disciplinas optativas (o docente não se recorda de nomes) foram criadas nessa mesma época, porém, algumas não foram oferecidas na prática.

Ao relatar sua experiência enquanto aluno do Curso de Letras da UFPI, a partir de 1985, o professor Francisco Alves Filho<sup>34</sup> atesta a afirmação de José Reis Pereira supramencionada, uma vez que afirma ter feito as disciplinas “Introdução à Linguística” e “Linguística II”, ambas obrigatórias:

*Os professores que ministravam as disciplinas “Introdução à Linguística” e “Linguística II” já tinham mestrado na época, que eram os professores Ubiraci Carvalho, José Reis Pereira e Ismênia Reis. Os três, lembro, já tinham mestrado. Depois, eu cursei “Fonética e Fonologia” com a professora Catarina de Sena, que já tinha doutorado. Na verdade, na época, alguns poucos professores eram doutores, alguns professores não tinham mestrado, apenas graduação ou especialização. Então, formação em pós-graduação não era o que prevalecia na época (Depoimento pessoal de Francisco Alves Filho, 2019).*

Sobre as referências que eram utilizadas pelos professores do Curso de Letras, relacionadas à Linguística, o professor Francisco Alves Filho comenta que, no geral, usavam-se os manuais de Linguística<sup>35</sup>, como o de John Lyons (1932-), *Linguagem e linguística: uma introdução*, e o de Leonor Scliar-Cabral (1929-), *Introdução à Linguística*. Nessa época, por volta do ano de 1985, lembra o professor que se usavam também referências ligadas à Linguística francesa, como Martinet, sobretudo os docentes José Reis Pereira e Maria Ismênia Reis Pereira. Ademais, era usado o livro *Sintaxe estrutural* (2000), do próprio José Reis Pereira.

De posse dessas informações contextuais, vale considerar que o processo de institucionalização da Linguística no Piauí também não ocorreu de maneira fácil e uniforme, pois, nos primeiros anos do Curso de Letras Neolatinas, o componente curricular não se fazia presente como disciplina obrigatória no quadro das matérias ministradas; porém, já despertava o interesse de alguns curiosos, como o Pe. Raimundo José, que, mesmo não tendo a formação específica, instigou as primeiras reflexões a respeito das ideias linguísticas em solo piauiense.

34 Francisco Alves Filho ingressou na UFPI como docente do Curso de Letras em 1992, ocasião em que tinha, no currículo, apenas a graduação. No primeiro ano, ministrou “Leitura e Produção de Textos” e, logo depois, “Morfologia”, durante algum tempo. Além dessas disciplinas, ministrou, posteriormente, “Sintaxe” (cf. *Depoimento pessoal*).

35 O professor não soube informar os anos e as edições dos referidos livros.

Nesse processo, desde 1960, a Linguística, mesmo que timidamente, faz-se presente no Piauí e, no contexto da UFPI, já oficializada, desde 1972.

Posto isto, o próximo tópico apresenta uma breve contextualização da revista *Expressão*, bem como dos pesquisadores que publicaram nesse veículo, seguida das análises dos dados, com base nas categorias eleitas para esta investigação.

## 2. Revista *Expressão*: a pesquisa linguística no âmbito da UFPI

A revista *Expressão*, revista do antigo Departamento de Letras da UFPI e extinta em 2000<sup>36</sup>, teve seu primeiro volume publicado em 1994 e se apresentava como uma coletânea de textos de professores do Curso de Letras e de professores convidados de outras instituições. Além dos trabalhos dos professores, também era dado espaço para alguns poucos alunos publicarem suas pesquisas ou outras produções, como poesias e contos<sup>37</sup>. O objetivo primeiro da revista era sistematizar e sintetizar a pesquisa acadêmica que era produzida no âmbito da universidade, contemplando artigos, ensaios e outras produções das áreas da Linguística e Literatura.

É importante ressaltar que a revista *Expressão* contava com um Conselho Editorial, formado pelos seguintes professores: Airton Sampaio de Araújo, Lina Rosa Lira R. G. de Carvalho, Raimunda das Dores Santos, Sylvia Teresa Pereira da Silva Clarck, Maria Auxiliadora Ferreira Lima, Maria do Socorro Borges de Oliveira e Maria do Socorro Fernandes de Carvalho; e com uma Coordenação Editorial, composta pelos docentes Fabiano de Cristo Rios Nogueira e Mário Alfredo Oliveira Soares (RÊGO; MAGALHÃES, 1991). Essa Comissão Editorial, conforme a professora Helena Jina de Sousa Pereira, chefe do antigo Departamento de Letras à época, no prefácio<sup>38</sup> do primeiro volume da revista (1994), teve fundamental importância para o funcionamento da revista, visto que era responsável pela seleção e organização dos trabalhos veiculados.

---

36 A revista *Expressão* possuía uma periodicidade semestral, com a publicação de dois volumes por ano. Contudo, para esta pesquisa, teve-se acesso, somente, a quatro volumes, os quais foram publicados, respectivamente, em: 1994 (volume 1, nº 1), 1995 (volume 2, nº 2), 1998 (volume 3, sem número) e 2000 (volume 4, sem número).

37 Eram veiculados na revista artigos, ensaios, resenhas e momento literário (poemas, crônicas e contos). Algumas dessas publicações literárias foram premiadas no Concurso Literário “Assis Brasil”, promovido pelo extinto Departamento de Letras, durante a Conferência Clemente Fortes, em 1995.

38 “Ressalte-se o empenho imprescindível da Comissão Editorial, que, selecionando e organizando as diversas matérias, deu forma a nossa Revista, com a paciência e o carinho próprios daqueles que vivem o seu trabalho não só com profissionalismo, mas sobretudo com amor” (PEREIRA, In: Prefácio Revista *Expressão*, vol. 1, n. 1, 1994, p. 7).

## 2.1 O contexto de produção e recepção da revista *Expressão*

Conforme as palavras da professora Helena Jina de Sousa Pereira apresentadas no prefácio do primeiro volume da revista, em 1994, a ideia de lançar a revista *Expressão* foi algo planejado:

Da euforia da idéia primeira à satisfação do sonho concretizado houve um grande espaço de tempo – dois anos, aproximadamente – em que se foram selecionados os artigos, o que os distancia, por vezes, quanto à data de produção. Fato, aliás, que não deixa de ser interessante, se imaginarmos que a Revista EXPRESSÃO conta, de certa forma, a sua própria história (PEREIRA, In: Prefácio Revista *Expressão*, vol. 1, n. 1, 1994, p. 7).

Nesse sentido, é pertinente sobrelevar a importância dos estudos linguísticos publicados na revista *Expressão* para o processo de institucionalização da Linguística no Piauí, uma vez que foi o primeiro veículo a propagar pesquisas dessa natureza, no contexto da UFPI. Nos depoimentos subsequentes, os professores Francisco Alves Filho e Maria Auxiliadora Ferreira Lima relatam, respectivamente, o processo de implantação, manutenção e propósito da revista *Expressão*:

*No final dos anos de 1980, o enfoque dado aos estudos era mais relacionado à Gramática Tradicional, sobretudo nas disciplinas de sintaxe e morfossintaxe. Já no início dos anos 1990, os estudos tinham uma orientação mais linguística, porque a professora Catarina de Sena tinha voltado do doutorado e propunha pesquisas de base linguística, em que os alunos tinham que ir ao campo. Na época da criação da revista Expressão, a motivação era mais voltada para a divulgação do que se estava produzindo na academia pelos professores e alunos faziam em termos de pesquisas, de maneira bem local e interna. Então, ela estava dentro de um contexto que ansiava pela publicação do que produzia, sem a preocupação de atender a critérios externos, visto que o Curso não tinha ainda o Programa de Pós-Graduação. A necessidade era puramente interna, incentivando as pessoas a escreverem, criando um canal de divulgação entre professores e alunos. A revista era aberta para publicações de linguística e literatura e não tinha a preocupação de ser uma revista disciplinar. Também não havia conselho editorial<sup>39</sup>, revisão de pares, até porque a demanda não era tão grande (Depoimento pessoal de Francisco Alves Filho, 2019).*

*Eram aquelas práticas em que muitas vezes os professores vinham do mestrado, e queriam divulgar os seus trabalhos desenvolvidos em suas pesquisas, nas áreas dos estudos linguísticos e da literatura. Teve um professor do Rio de Janeiro que enviou um artigo para publicação. Não tinha uma organização temática nas revistas. Os professores queriam apenas divulgar seus trabalhos de áreas variadas. A proposta inicial era essa. Não se tinha, por exemplo, qualificação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Era um meio de divulgação mais interno, local, o que não atenderia a demanda de hoje, com os comandos da CAPES. Isso porque os professores precisam divulgar mais externamente (Depoimento pessoal de Maria Auxiliadora Ferreira Lima, 2019).*

39 É importante chamar a atenção para essa divergência de informação apresentada pelo professor Francisco Alves Filho, uma vez que, como visto anteriormente, a revista *Expressão* contou, em todos os volumes aqui analisados, com Conselho Editorial, que era formado pelos próprios professores da Instituição.

Segundo informações disponibilizadas por Francisco Alves Filho, no contexto dos anos 1990, poucos professores trabalhavam com iniciação científica e, também, não havia pós-graduação, então, as práticas de pesquisas eram, ainda, muito incipientes.

Ainda com os supramencionados professores, o fluxo de publicação da revista foi interrompido nos anos 2000, por conta de motivos bastante comuns, quais sejam: falta de organização do grupo de pessoas e de incentivo, dificuldades de conseguir gráfica da UFPI para edição e impressão, dificuldades de pessoas para assumir os trabalhos relacionados à organização da revista e, ainda, dificuldades logísticas para a publicação.

## 2.2 Os pesquisadores e suas respectivas orientações para os estudos da língua

O desejo de inovar e expandir o fazer acadêmico da UFPI, através da publicação de artigos, resenhas, ensaios e outras produções de professores e alunos de graduação do Curso de Letras, fez da revista *Expressão* a primeira amostra do que se produzia em termos de estudos linguísticos e literários entre os anos de 1994 a 2000, embora o veículo tenha tido, efetivamente, apenas quatro volumes publicados.

No geral, somando-se os quatro volumes da revista, foram publicados um total de 61 trabalhos (35 artigos, 3 ensaios, 5 resenhas, 10 contos, 1 crônica e 7 poemas), além de uma entrevista com o professor doutor Benjamin Abdala Júnior<sup>40</sup>. Os trabalhos que se concentram na área da Linguística somam um total de 17, divididos em 15 artigos, 1 ensaio e 1 resenha.

No que respeita aos estudos linguísticos, o nome dos pesquisadores que publicaram nos quatro volumes das revistas analisados, bem como a área de formação e a quantidade de trabalhos publicados, podem ser conferidos no quadro a seguir:

**Quadro 2.** Informações contextuais dos pesquisadores.

PROFESSORES PESQUISADORES DA UFPI	ÁREA DE FORMAÇÃO E INSTITUIÇÃO DE ORIGEM	QUANT. DE PUBLICAÇÕES
Airton Sampaio de Araújo <sup>41</sup>	Especialista em Língua Portuguesa pela UFPI (1989). Mestre em Educação pela UFPI (1997). Professor de Língua Portuguesa e Estilística do DL/UFPI (desde 1988).	3 artigos 1 resenha

continua

40 Professor titular da FFLCH da USP, nascido em 1943, com pesquisas centradas no Campo da Literatura Comparada, atuando no âmbito das literaturas de língua portuguesa (Informações disponíveis em: <https://globoeditora.com.br/atores/biografia/?id=786> Acesso em: 20 set. 2019).

41 Airton Sampaio de Araújo (1957-2016). Atuou como docente no Curso de Letras da UFPI de 1988 a 2016. (Informações disponíveis em: <http://amusaesquecida.blogspot.com/2013/10/airton-sampaio.html> e <https://www.escavador.com/sobre/2936789/airton-sampaio-de-araujo#profissional> Acesso em: 30 out. 2019)

<b>PROFESSORES PESQUISADORES DA UFPI</b>	<b>ÁREA DE FORMAÇÃO E INSTITUIÇÃO DE ORIGEM</b>	<b>QUANT. DE PUBLICAÇÕES</b>
Francisco Alves Filho <sup>42</sup>	Mestre em Linguística pela UFPE (2000). Professor de Linguística do DL/UFPI (desde 1992).	2 artigos
Josenir Alcântara de Oliveira <sup>43</sup>	Mestre em Filologia Românica pela USP (1995). Professor de Latim do DL/UFPI (1989-2006).	2 artigos
Maria Auxiliadora Ferreira Lima <sup>44</sup>	Mestre em Linguística pela UFSC (1984). Doutora em Linguística Aplicada pela UNESP (1997). Professora de Linguística do DL/UFPI (desde 1985).	3 artigos
Maria Ester de Araújo <sup>45</sup>	Mestre em Linguística Aplicada pela PUC-SP (1993). Professora de Linguística do DL/UFPI (1988 – 1996).	1 artigo
José Reis Pereira <sup>46</sup>	Mestre em Linguística pela PUC-RJ (1974). Professor de Linguística do DL/UFPI (1971 – 1993).	1 artigo 1 ensaio
Antônia Dilamar Araújo <sup>47</sup>	Mestre em Língua Inglesa e Literatura Correspondente pela UFSC (1983). Doutora em Linguística Aplicada também pela UFSC (1996). Professora de Linguística do DL/UFPI (1977 – 1996).	1 artigo
Cibele Brandão de Oliveira Borges <sup>48</sup>	Mestre em Linguística pela UnB (1995). Professora de Linguística do DL/UFPI (1992 – 1998).	2 artigos

42 (Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/9363940/francisco-alves-filho> Acesso em: 30 out. 2019)

43 Atuou como docente no Curso de Letras da UFPI de 1989 a 2006, ocasião em que retornou, como docente, para a sua instituição de origem, a UFC. (Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/3223353/josenir-alcantara-de-oliveira> Acesso em: 30 out. 2019).

44 (Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/6244305/maria-auxiliadora-ferreira-lima> Acesso em: 30 out. 2019).

45 Atuou como docente no Curso de Letras da UFPI de 1988 a 1996. Depois, voltou como professora convidada, em 2011, para compor o PARFOR. (Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/2453178/maria-ester-de-araujo> Acesso em: 30 out. 2019).

46 Informações obtidas através de depoimentos pessoais do próprio professor.

47 Atuou como docente no Curso de Letras da UFPI de 1978 a 1999. (Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/1044755/antonia-dilamar-araujo> Acesso em: 30 out. 2019).

48 Atuou como docente no Curso de Letras da UFPI de 1992 a 1998. (Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/1130805/cibele-brandao-de-oliveira-borges> Acesso em: 30 out. 2019).

Fica nítida, com base nessas informações, que a formação dos professores variava em relação à instituição e à área, uma vez que havia professores com mestrado em Educação, Filologia Românica, Linguística Aplicada, Sociolinguística, Língua e Literatura Inglesa e Linguística (em maior número). No geral, no que diz respeito ao tratamento preferencial conferido aos dados linguísticos pelos pesquisadores da UFPI, a revista *Expressão* mostrava o que se estava produzindo em termos de descrição gramatical, ensino de Língua Portuguesa e questões relacionadas ao tratamento dado ao texto (em sala de aula). Consta, no quadro a seguir, um levantamento referente ao tipo de *orientação de pesquisa* (ALTMAN, 2016) que predominou naquele contexto.

**Quadro 3.** Orientações de pesquisa linguística presentes na revista *Expressão*.

<b>PROFESSORES PESQUISADORES</b>	<b>TRABALHOS (ARTIGOS/ENSAIOS/RESENHAS)</b>	<b>ORIENTAÇÃO DE PESQUISA</b>
Airton Sampaio de Araújo	<i>Análise do livro didático “Estudos de língua e literatura”, de Douglas Tufano (artigo/vol. 1)</i>	Aplicada (Análise de livro didático)
	<i>Sujeito gramatical: assimetria relativa dos planos sintático e semântico (artigo/vol. 2)</i>	Gramatical (descritivo/ pedagógico)
	<i>A descoberta pré-escolar da escrita e suas implicações pedagógicas (resenha/vol. 3)</i>	Aplicada (Escrita)
	<i>Finalização textual: um exercício prático (artigo/vol. 4)</i>	Aplicada (Produção de textos)
Francisco Alves Filho	<i>Texto e condições (muitas vezes desiguais) de produção (artigo/vol. 1)</i>	Aplicada (Texto)
	<i>Gêneros textuais no vestibular e suas implicações na formação do leitor universitário (artigo/vol. 4)</i>	Aplicada (Gêneros)
Josenir Alcântara de Oliveira	<i>O homem e a mulher à luz da etimologia (artigo/vol. 1)</i>	Histórica (Etimologia)
	<i>Os grandes temas do vocabulário gírio da cachaça (artigo/vol. 2)</i>	Histórica (Variação)
Maria Auxiliadora Ferreira Lima	<i>Uma análise dos usos dos advérbios em –mente (artigo/vol. 1)</i>	Gramatical (descritivo)
	<i>O artigo como marca das operações de determinação (artigo/vol. 3)</i>	Gramatical (descritivo)
	<i>Alguns aspectos teóricos das Operações Enunciativas de Antoine Culioli: alguns aspectos teóricos (artigo/v. 4)</i>	Meta(teórica)
Maria Ester de Araújo	<i>Formulação, reformulação e digressão num depoimento (artigo/vol. 1)</i>	Aplicada (Texto)

continua

PROFESSORES PESQUISADORES	TRABALHOS (ARTIGOS/ENSAIOS/RESENHAS)	ORIENTAÇÃO DE PESQUISA
José Reis Pereira	<i>“Uber sinn und bebutung”, de Gottlob Frege: um rico debate filosófico e linguístico de cem anos</i> (ensaio/vol.1)	Meta(teórica) <sup>49</sup>
	<i>Sobre a noção de sujeito indeterminado</i> (artigo/vol. 2)	Gramatical (descritivo-funcional)
Antônia Dilamar Araújo	<i>Genre analysis: an investigation of the whiting of book reviews</i> (artigo/vol. 2)	Aplicada (Gêneros)
Cibebe Brandão de Oliveira Borges	<i>A existência de sentido nos nomes próprios. Um estudo de caso: os topônimos</i> (artigo/vol. 2)	Semanticista (linguístico)
	<i>O papel da vogal temática na formação do gênero em português</i> (artigo/vol. 3)	Gramatical (descritivo)

O levantamento realizado nas pesquisas linguísticas aponta para o fato de que, entre 1994 e 2000, no âmbito da UFPI, houve um forte interesse por uma orientação sincrônica para o estudo do português, na medida em que se percebe um predomínio de estudos linguísticos pautados em um viés aplicado, de descrição gramatical e de uso. Na modalidade *aplicada*, tem-se a ocorrência de seis pesquisas cujas temáticas estão relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa, texto e gêneros. Já na orientação de estudo *gramatical*, de cunho descritivo do português, têm-se cinco pesquisas que contemplam análises e descrições de elementos linguísticos com base no estabelecimento de determinados contextos.

Os estudos que contemplassem o viés histórico do português não eram frequentes nesse recorte de tempo, no contexto da UFPI, aparecendo apenas duas vezes, com as pesquisas do professor Josenir Alcântara de Oliveira, com análises de natureza etimológica e no âmbito da variação. Isso pode estar relacionado à formação deste professor, em Letras Clássicas, o que permitia a atuação em temas como: raiz, etimologia, semântica, fonética, cultura e filologia.

Se os primeiros anos do Curso de Letras estavam, como visto, sob o domínio do programa de investigação da Filologia, os anos da década de 1990 deixam clara a consolidação do programa de investigação da Linguística, com um claro viés aplicado.

É importante destacar que, considerando o fato de que a revista *Expressão* foi pensada para publicação de pesquisas realizadas por professores da UFPI, era também interesse do veículo a divulgação de trabalhos de estudantes, ex-estudantes e pesquisadores renomados de

49 O ensaio do professor José Reis Pereira é de natureza (meta)teórica porque, nele, é apresentado um debate de ordem científica (filosófico e linguístico) sobre a concepção de sentido e significado de Frege, mostrando o seu posicionamento e reflexões a respeito das ideias do referido filósofo.



outras instituições<sup>50</sup>. Isso pode, ainda, apontar para o fato de que a produção de pesquisas linguísticas apenas de professores da universidade não constituía um número satisfatório para a composição de um número da revista, sendo necessário o acréscimo de outros trabalhos para agregar valor ao veículo. Esse fato pode ser confirmado com as palavras do professor Francisco Alves Filho (2018): “*Como a demanda de trabalhos da casa não era tão grande, tínhamos que ficar pedindo para as pessoas enviarem os artigos. Era difícil, com isso, até compor a revista como um todo*”.

### **2.3 As pesquisas linguísticas publicadas na revista *Expressão: os Programas de Investigação***

Conforme defende Swiggers (2004), para analisar dado fato linguístico, é preciso dar um tratamento, a partir de princípios bem definidos, para a *metalinguagem* usada em outros recortes de tempo, uma vez que esta deve ser analisada para além de uma tradução do conhecimento linguístico. A partir disso, considera-se a *metalinguagem* como um componente essencial que aproxima o historiógrafo do seu objeto de análise, a língua.

O papel do historiógrafo da Linguística de descrever o conhecimento linguístico que foi produzido em certo tempo e espaço, tecendo explicações para os acontecimentos que envolvem a língua, motivou o uso dos *Programas de Investigação*<sup>51</sup> nas análises do *corpus* desta pesquisa, uma vez que se considerou a natureza operatória e descritiva desse conceito. Para tanto, valeu-se dos três parâmetros que guiam esses programas, quais sejam: 1) *visão de língua* (ponto de vista sobre a língua para determinado autor/teoria); 2) *incidência* (contexto ou área de preferência para a análise linguística); e 3) *técnica* (princípios ou métodos usados para se analisar os dados linguísticos)<sup>52</sup>.

---

50 Dentre os trabalhos de relevância de pesquisadores de outras instituições, publicados na revista, destacam-se o ensaio de Carlos Alberto Faraco, importante linguista e professor aposentado de Linguística da UFPR, cuja temática dialogava com algumas das publicações realizadas por professores da UFPI, qual seja: *Algumas considerações críticas sobre o ensino de português*; e o artigo de Carlos Alexandre V. Gonçalves, professor de Linguística da UFRJ, intitulado *Formações x-eiro em português: um estudo sobre produtividade lexical*.

51 Um programa se constituiria por uma estrutura conceptual canalizadora de uma visão geral de língua e de aspectos relacionados. Os *Programas de Investigação* guiam para o cumprimento desse papel do historiógrafo, permitindo que o pesquisador faça articulações entre as teorias e/ou fatos linguísticos investigados. Swiggers (2004/1987), partindo do desenvolvimento da história da Linguística, propõe a existência de quatro programas/modos de tratamento da linguagem, quais sejam: i) *Programa de Correspondência*; ii) *Programa Descritivista*; iii) *Programa Sociocultural*; e iv) *Programa de Projeção* (SWIGGERS, 2004).

52 Vale ressaltar que, considerando o fato de que o conhecimento linguístico se dá, sobretudo, por *continuidades* e *descontinuidades* teóricas, essa categoria de análise permite, ainda, um entendimento desses movimentos a partir das análises dos documentos selecionados.

Com base, portanto, no conceito de *Programas de investigação*, mais especificamente, seguindo os três parâmetros de análise acima descritos, seguem-se, nas próximas linhas, as análises dos dezessete trabalhos produzidos por professores da UFPI e publicados na revista *Expressão*.

A fim de se ter uma ideia mais geral de como esses pesquisadores encaravam os estudos linguísticos, serão apresentados, no quadro a seguir, os *Programas de Investigação*<sup>53</sup> aos quais eles estavam vinculados, bem como um resumo da *visão de língua*, da *incidência de análise* e da *técnica* que cada grupo compartilhava. Na sequência, seguem descrições interpretativas acerca dos fatos linguísticos investigados no *corpus*.

**Quadro 4.** *Programas de Investigação e parâmetros de análise* compartilhados pelos professores/pesquisadores em seus trabalhos

<b>PROGRAMAS DE INVESTIGAÇÃO</b>	<b>PROFESSORES/ PESQUISADORES</b>	<b>PARÂMETROS DE ANÁLISE</b>
Programa Descritivista	Airton Sampaio de Araújo José Reis Pereira Maria Ester de Araújo Maria Auxiliadora Ferreira Lima	Visão de Língua: a língua é vista como um conjunto de dados linguísticos (formais) passíveis de observação e descrição.
		Incidência de análise: ensino de português (com ênfase no livro didático); fenômenos linguísticos “sujeito indeterminado”, “advérbio e “artigo”; e “depoimento/fala” de um sujeito (conversaço).
		Técnica: métodos de análise quantitativo e qualitativo; apresentação dos dados em contextos específicos; classificações e interpretações sobre os fatos da língua; análise da conversaço (observaço da formulaço e reformulaço textual) e discussões teóricas e metodológicas sobre a Teoria das Operações Enunciativas, de Antoine Culioli.

continua

53 Importa destacar que a funcionalidade e versatilidade dos Programas de Investigação é de natureza não arbitrária, uma vez que um mesmo programa pode agrupar várias teorias, ou uma teoria pode ser relacionada, simultaneamente, a diferentes programas, a depender do aspecto da língua que está sob análise (ALTMAN, 1998).

PROGRAMAS DE INVESTIGAÇÃO	PROFESSORES/PESQUISADORES	PARÂMETROS DE ANÁLISE
Programa Sociocultural	Francisco Alves Filho Josemir Alcântara de Oliveira Antônia Dilamar Araújo	Visão de língua: a língua é vista como um fato social e cultural, sendo relacionada ao complexo sociocultural no qual está inserida.
		Incidência de análise: ensino de produção de textos; etimologia dos termos “homem” e “mulher”; gênero textual “resenha de livros em inglês”; e provas de língua portuguesa de vestibulares.
		Técnica: reflexões e interpretações críticas e históricas; análise de gêneros na perspectiva da sociorretórica; e análise dos tipos de gêneros presentes em provas de língua portuguesa em vestibulares.
Programa de Projeção	Cibele Brandão de Oliveira Borges José Reis Pereira	Visão de língua: a língua é vista como um conjunto de fragmentos lógico-formais, relacionando questões de lógica à descrição linguística dos dados.
		Incidência de análise: fenômeno da referência, denotação ou referente; e topônimos (nomes próprios).
		Técnica: discussões essencialmente teóricas, seguidas de interpretações dos fatos à luz das teorias enfocadas.

A *visão de língua* circunscrita nos trabalhos de Airton Sampaio de Araújo, José Reis Pereira, Maria Ester de Araújo e Maria Auxiliadora Ferreira Lima indica que esses pesquisadores prezam pela descrição da língua. As ideias propagadas nos textos desses autores são pautadas tanto em teorias que, no geral, incluem-se no *Programa Descritivista*<sup>54</sup>, como a *Enunciação e Análise da conversação*, nos trabalhos de Lima (1994; 1995; 1998; 2000) e Araújo (1994; 1995; 1998; 2000), respectivamente; quanto em textos que não estão vinculados, explicitamente, a nenhuma teoria específica, mas que se utilizam de análises descritivas, com posicionamentos críticos, dos dados linguísticos contemplados, como os de Sampaio (*op. cit.*) e Pereira (1995). No geral, a *técnica* aplicada pelos pesquisadores que se inserem nesse grupo consiste em estabelecer contextos específicos, segmentar os dados linguísticos, estudar as relações entre os elementos e, em raras vezes, tentar relacionar as formas linguísticas a aspectos concernentes ao funcionamento da língua.

54 Sabendo-se que os estudos descritivos das línguas podem estar relacionados a perspectivas teóricas diversas, é possível que haja dentro do Programa Descritivista orientações de pesquisas que ora reverberam pelo viés *formalista* (que privilegia a descrição e estruturação das *formas*), ora pelo *funcionalista* (cujo objetivo vai além de descrever, ocupando-se em estabelecer relações entre a estruturação formal e as funções da língua) (ALTMAN, 1998).

Sampaio, em três de seus artigos publicados (1994; 1995; 2000), propõe uma abordagem funcional no tratamento dado aos aspectos linguísticos discutidos, defendendo a tese de que o mais adequado, na esfera da análise linguística, é partir sempre do contexto (linguístico ou situacional). A título de ilustração, em consequência de análises realizadas no seu artigo, Sampaio (1995) conclui que:

do exposto resta óbvio que os planos sintático e semântico são distintos e coexistem harmonicamente, não se devendo, na análise, tomar um pelo outro, sob pena de se gerar confusões de todos conhecidas. É preciso, portanto, ter claro e nítido cada plano, numa atitude metodológica capaz de aclarar os fatos da língua (SAMPAIO, 1995, p. 147).

Ao propor um estudo sobre a questão do *sujeito indeterminado*, Pereira (1995) apresenta os mesmos argumentos de Sampaio (1995), no que diz respeito a uma menção, não explícita, de um tratamento mais funcional para o fato linguístico, ao passo que condena a interpretação tradicional que a gramática escolar dá para os dados da língua. A fim de confirmar essa afirmação, extraiu-se o seguinte excerto do artigo do referido professor: “Muito se fala de uma tal ‘gramática funcional’, mas parece que sua maior lição não foi aprendida: lecionar-se funcionalmente a gramática consiste em deixar-se cada frase em seu contexto, em não se tirar o peixe para fora d’água” (PEREIRA, 1995, p. 238).

Pereira (1995), embora foque mais nas críticas ao tratamento que a gramática escolar dá para os fatos da língua, aponta, na conclusão, ‘soluções’ óbvias para o problema: “Cabe ao professor apresentar os fatos aos alunos de um modo vivo, tal como são efetivamente empregados pelos falantes. Cabe aos estudiosos do idioma fazer uma descrição satisfatória dos fatos da língua [...]” (PEREIRA, p. 242).

Os três trabalhos de Lima (1994; 1998; 2000) também estão voltados para um *Programa Descritivista*, pois eles apresentam uma descrição da estrutura das formas linguísticas nos moldes da Teoria das Operações Enunciativas, de Antoine Culioli (1924-2018). Em artigo publicado no volume 3 (1998, p. 45) da revista, a autora principia sua análise linguística a partir de dois pontos fundamentais: “a) a linguagem é uma atividade de construção e se manifesta por meio de operações que resultam na construção dos enunciados; b) os artigos indefinidos e definidos constituem marcas de operações de determinação em sintonia com outras marcas”. Neste excerto, fica evidente que a pesquisadora se pauta em uma *incidência de análise* que privilegia subsistemas gramaticais, como a questão da determinação e indeterminação nominal

(estudo dos artigos), o que é confirmado em outro trabalho<sup>55</sup> (1994), no qual ela analisa os advérbios (terminados em *–mente*).

Em síntese, os trabalhos dos pesquisadores inseridos no *Programa Descritivista* seguem, em maior ou menor medida, uma tendência mais *formalista* no que respeita às análises e ao tratamento dado aos fenômenos investigados; embora ensaiem, em alguns casos, a perspectiva funcional. Essas pesquisas estão relacionadas, sobretudo, a uma visão de língua como um conjunto de dados formais, ordenáveis de forma sistemática, sem considerar, com exceção de Pereira, informações extralinguísticas. Deste modo, fica nítido que há traços de *continuidade* no que tange à *visão de língua* desse grupo, no entanto, as *descontinuidades* evidenciam-se quando se observa a *incidência* e a *técnica de análise* que eles imprimem em seus trabalhos. Isso porque há variações nas escolhas dos fenômenos (*incidência de análise*): (ensino de português, com ênfase no livro didático; “sujeito indeterminado”, “advérbio” e “artigo”; e “depoimento/fala” de um sujeito – conversação), bem como na *técnica* aplicada, uma vez que variam quanto aos métodos de análise (quantitativo e qualitativo); outros optam por apresentar os dados em contextos específicos; ou por classificar e interpretar os fatos da língua; ou pela análise da conversação (observando a formulação e reformulação textual).

Como já dito, dependendo do enfoque dado aos fatos linguísticos, é normal que ocorra uma variação quanto ao programa de investigação no qual a pesquisa se insere. A exemplo, pode-se citar o ensaio publicado por Pereira (1994). Nele, o autor propõe um debate acerca das ideias filosóficas de Gottlob Frege (1848-1925) e Bertrand Russel (1872-1970), relacionadas à questão do sentido e da referência, evidenciando os momentos em que as discussões desses dois teóricos divergem. Dessa forma, o tratamento que o autor dá à discussão linguística no ensaio está mais voltado para o *Programa de Projeção*, uma vez que a língua é descrita a partir do modelo da Lógica, e que as análises incidem nos fenômenos linguísticos da referência, denotação ou referente. Outros trabalhos que se inserem no *Programa de Projeção* são os de Borges<sup>56</sup>, nos quais a autora se utiliza de dados da Semântica Formal para tratar de conceitos como os de sentido e referência, com base nas ideias de autores como Frege e Lyons.

---

55 Em 2000, a professora continua suas pesquisas linguísticas com base na Teoria das Operações Enunciativas, de Culioli. Nele, a pesquisadora vai tratar de aspectos teóricos relacionados à teoria, continuando com a mesma concepção de linguagem supracitada.

56 No artigo publicado no volume 2, de 1995, a autora propõe um estudo que visa à comprovação da existência de sentido nos nomes próprios, focalizando os topônimos brasileiros. Portanto, a *visão de língua* compartilhada por Pereira e Borges, junto com a *técnica de análise* que parte de discussões essencialmente teóricas, seguidas de interpretações dos fatos à luz das teorias enfocadas, aponta para traços de continuidades dentro desse programa (embora deva-se considerar as divergências em alguns aspectos, como em relação à rede de referência, *corpus* etc.).

Os trabalhos de Francisco Alves Filho, Josenir Alcântara de Oliveira e os de Antônia Dilamar Araújo incluem-se no *Programa Sociocultural*, uma vez que manifestam uma preocupação com os aspectos extralinguísticos, cuja *visão de língua* fundamenta-se na relação da língua com fatores externos. A língua é vista como um fato social e cultural<sup>57</sup> em Alves Filho (1994), porque o autor avalia as desigualdades em relação às condições de produção de textos que são oferecidas no âmbito escolar e em outros contextos, na medida em que acentua críticas à forma como o texto é trabalhado em sala de aula, como algo que é dissociado da vida do aluno. Para tanto, afirma o autor: “para finalidades puramente burocráticas, o que explica as condições que lhe são oferecidas em sala de aula: totalmente diversas e antagônicas àquelas utilizadas de fato em situações reais de produção” (ALVES FILHO, 1994, p. 20)<sup>58</sup>.

Oliveira (1995), por sua vez, vê a língua como um fato sociocultural porque situa a sua análise linguística na história externa do fenômeno da variação do termo “cachaça”, com vistas a entender, no seu percurso histórico, levando em conta o aspecto sociocultural, os vários temas que circundam as diferentes denominações deste termo. Da mesma forma, Oliveira (1994) se pauta na história externa dos termos “homem e mulher”, a partir de um estudo etimológico, cujo intuito foi entender como as sociedades humanas faziam a distinção entre homem e mulher. A *incidência e técnica de análise* circunscritas nesses dois trabalhos apontam para o objetivo do autor de mostrar a expressão de uma dada cultura por meio da língua ou, mais especificamente, pela inserção de fatos linguísticos.

Araújo (1995) concebe a língua como uma atividade social e interativa, pois considera a definição de gênero apontada por Miller (1984), para quem o estudo do gênero é visto como ação social (*a form of social action*). A autora ainda se ancora em Swales (1985), o qual defende que o conceito de gêneros deve ser compreendido como um conjunto de eventos comunicativos, que resultam da interação, dos propósitos e dos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos em contextos sociais distintos.

Com relação aos trabalhos desses três últimos professores, a investigação dos parâmetros de análise indica que todos manifestam uma forte preocupação com os aspectos sociais da língua, cuja ‘visão’ fundamenta-se, essencialmente, na relação da língua com fatores externos, cultura, meio social, história dos sujeitos analisados; fato esse que marca traços de *continuidades* nas atitudes dos pesquisadores.

57 Essa noção de língua como um fato social é mantida por Alves Filho (2000), quando analisa a presença dos gêneros textuais nas provas de língua portuguesa de oito universidades nordestinas; pautando-se na visão bakhtiniana de gênero como reflexo da sociedade.

58 Acrescenta, ainda, a título de conclusão, que: “seria estimulante a uma instituição de ensino constatar que seus educandos estão descobrindo que podem exercer a sua existência cotidiana e cidadania via... textos” (*ibidem*, p. 21).

## Considerações finais

Este estudo historiográfico possibilitou uma narrativa de reconstrução da história do processo de institucionalização dos estudos linguísticos no Piauí, no âmbito da UFPI, de modo que a investigação do contexto de produção e de divulgação das pesquisas veiculadas nos quatro volumes da revista *Expressão*, veículo que exerceu importante papel para o desenvolvimento da pesquisa linguística no contexto piauiense, permitiu algumas constatações.

O processo de institucionalização e desenvolvimento da disciplina Linguística no Piauí aconteceu de forma lenta e não uniforme, visto que, ainda no cenário da FAFI, na década de 1960, o que estava em evidência eram discussões de natureza filológica, corroborando a tese de que o programa de investigação predominante era, de fato, o filológico, o qual predominou, no Brasil, nas décadas de 1950 e 1960 (cf. ALTMAN, 1998). No entanto, nos primeiros anos do Curso de Letras Neolatinas, embora a Linguística ainda não constasse como disciplina obrigatória no quadro das matérias ministradas, o Pe. Raimundo José já instigava as primeiras reflexões a respeito das ideias linguísticas no Piauí.

Esse cenário começa a mudar, mesmo que de forma tímida, em 1972, com a oficialização da disciplina Linguística na UFPI, a qual começa a ser ministrada com o nome de “Introdução à Linguística”. As referências bibliográficas usadas pelos professores, nesse contexto, eram, principalmente, aquelas voltadas para as discussões mais introdutórias, refletindo o momento inicial dos estudos linguísticos, pautadas, sobretudo, em Saussure e Mattoso Câmara, fato esse que acabou por conferir uma grande carga teórica à disciplina, além de dificultar, como visto, a atuação dos professores, haja vista a inexperiência de muitos docentes de Linguística, os quais estavam em início de carreira. O cenário de mudança segue ao longo da década de 1970, com a saída de alguns professores do Curso de Letras da UFPI para fora do Piauí, a fim de se especializarem, a nível de mestrado, em outras instituições, como a PUC-RS e UFSC. Isso conferiu, posteriormente, maior embasamento teórico e científico às reflexões linguísticas que seriam desenvolvidas na UFPI.

Na década de 1980, os estudos linguísticos ainda seguiam um viés estruturalista. Nesse contexto, prevalecia uma resistência à disciplina Linguística por parte de professores e de alunos, uma vez que consideravam que a nova disciplina tomaria o lugar da Gramática, como se pôde ver em alguns depoimentos. O certo é que, desde 1960, é importante reforçar, já circulavam, no Piauí, as primeiras reflexões sobre ideias linguísticas, instigadas, primeiramente, pela curiosidade de alguns, como o Pe. Raimundo José, e, posteriormente, a partir de 1972, de modo já oficializado, na UFPI.

Com base nas análises empreendidas nas pesquisas linguísticas veiculadas nos quatro volumes da revista *Expressão*, constatou-se que, entre 1994 e 2000, na UFPI, houve um forte interesse por uma orientação sincrônica para o estudo do português, uma vez que é nítido um

predomínio de estudos linguísticos pautados em um viés aplicado, de descrição gramatical e de uso. Além disso, diferentemente dos anos iniciais, em que havia a prevalência de uma orientação filológica, os anos da década de 1990 deixam clara a consolidação, no cenário piauiense, de um programa de investigação da Linguística, com um claro viés aplicado.

No que respeita às pesquisas inseridas no *Programa de Investigação Descritivista*, como visto, constatou-se movimentos de *continuidade* em relação à *visão de língua* defendida pelos pesquisadores, contudo, em relação à *técnica* e à *incidência de análise*, o que prevalece são movimentos de *descontinuidade*. O mesmo pode ser observado nos trabalhos linguísticos que se inserem nos *programas Sociocultural e de Projeção*.

Diante do exposto, conclui-se que, à época das publicações da revista *Expressão*, houve a presença forte de um ecletismo teórico, justificado pelas perspectivas teóricas que estavam em voga no recorte temporal deste estudo. Isso porque cada um dos professores tinha suas preferências teóricas, desenvolvendo trabalhos distintos no escopo da Linguística, destacando as áreas em que atuavam, como Gramática, Análise de Gênero, Enunciação, Ensino de Língua, Etimologia, Variação, Semântica etc., isto é, as pesquisas analisadas apresentaram temáticas bem distintas umas das outras (com poucas exceções), com enfoques bem diversificados. Isso pode ser resultado do contexto acadêmico da época<sup>59</sup>, pois não havia ainda um programa de pós-graduação, e, muito menos, grupos de pesquisas que seguissem uma orientação mais direcionada<sup>60</sup>.

Posto isto, reforça-se a relevância de uma abordagem historiográfica para o desenvolvimento de trabalhos desta natureza, uma vez que, para compreendermos o processo de institucionalização da Linguística no Piauí, no âmbito da UFPI, bem como para analisarmos os estudos linguísticos publicados na revista *Expressão*, em sua historicidade, foi preciso voltar o olhar para diferentes horizontes históricos, o que possibilitou o mapeamento de conhecimentos de uma forma contextualizada e, posteriormente, as análises e interpretações dos fatos (históricos e linguísticos) de forma consciente.

---

59 Contudo, essa fase foi necessária para que, a nível de pesquisas científicas no âmbito dos estudos linguísticos, a UFPI conseguisse alcançar o seu atual *status*, considerando que o desenvolvimento do conhecimento científico, conforme Fleck (2010 [1935]), dá-se a partir de um processo evolutivo. Isso porque “cada época tem concepções dominantes, restos das concepções passadas e predisposições de concepções futuras, em analogia com todas as formas sociais” (p. 70).

60 Esse cenário começa a mudar com a instalação dos programas de pós-graduação e com a criação de grupos de pesquisa por professores mais experientes, com o intuito de ampliar suas linhas de pesquisa e consolidar suas respectivas áreas dentro da UFPI.



## Referências

- ALTMAN, Cristina. **A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- \_\_\_\_\_. Saussure e o (des) encontro de suas gerações acadêmicas no Brasil. In: **Dossier Sygno e Seña**, v. 30, 2016.
- \_\_\_\_\_. Filologia e linguística brasileiras, mais uma vez. In: **A historiografia lingüística no Brasil (1993-2018): Memórias, Estudos**. COELHO, Olga (org.). Campinas: Pontes Editores, 2018.
- COELHO, Olga (org.). Filologia, linguística e historiografia: linguística no Brasil. In: **A historiografia lingüística no Brasil (1993-2018): Memórias, Estudos**. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO (1962). **Currículos Mínimos dos Cursos de Graduação**. Brasília: 4 ed.1981.
- EXPRESSÃO**: Revista do Departamento de Letras/UFPI. v. 1, n. 1. Teresina: EDUFPI, 1994.
- \_\_\_\_\_. v. 2, n. 2. Teresina: EDUFPI, 1995.
- \_\_\_\_\_. v. 3, s/n. Teresina: EDUFPI, 1998.
- \_\_\_\_\_. v. 4, s/n. Teresina: EDUFPI, 2000.
- FIORIN, José Luiz. A criação dos cursos de letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. In: **Dossiê: um olhar na ciência lingüística**. v. 7, n. 12, 2006.
- FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Tradução: Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010 [1935].
- KOERNER, Konrad. Questões que persistem em Historiografia Linguística. In: **Revista da Anpoll**. n. 2, p. 45-70, 2014.
- NUNES, Manoel Paulo. Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. In: **O Curso de Letras da UFPI: um fio de FAFI**. Teresina, EDUFPI, 1991.
- RÊGO, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **O Curso de Letras da UFPI: um fio da FAFI**. Teresina, EDUPI, 1991.
- ROTHEN, José Carlos. **A universidade brasileira na Reforma Francisco Campos de 1931**. Uberlândia 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/111551/mod\\_resource/content/4/aula%2015.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/111551/mod_resource/content/4/aula%2015.pdf) Acesso em: 31 out. 2019.
- SEIXAS, Jacy Alves. Halbwegs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história. **História**. São Paulo: EdUNESP, v. 20, 2001.
- SILVA, R. C. **Os estudos lingüísticos no Piauí (2004-2014): um olhar historiográfico sobre o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPI**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Letras da UFPI, 2019.

SWIGGERS, Pierre. 2004. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la Lingüística. In: **Nuevas aportaciones a la hiistoriografia lingüística**, La Laguna. Actas de La Laguna: Arco libros, S. L., v.4, p. 113-145. 2003, Disponível em: <http://grupodestiempos.com/PILARMAYNEZ/modelosmetodos.pdf>  
Acesso em: 10 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Entre Lovaina e São Paulo, através dos cinco sentidos da história. In: **A historiografia linguística no Brasil (1993-2018): Memórias, Estudos**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. Mattoso Câmara: um novo discurso sobre o estudo da linguagem no Brasil. In: **Delta**. São Paulo: v. 20., 2004.

## Apêndices

### APÊNDICE A

#### CORPO DOCENTE DO CURSO DE LETRAS NEOLATINAS DA FAFI (1958 – 1970)

PROFESSOR	TITULAÇÃO	DISCIPLINAS MINISTRADAS
Clemente Honório Parentes Fortes (1914-1974) <sup>61</sup> .	Advogado. Professor catedrático de Português do Liceu Piauiense. Professor de Direito da FAFI.	Língua Portuguesa
José Arimathéa Tito Filho (1924-1992) <sup>62</sup> .	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Professor de Sociologia e de Língua e Literaturas Portuguesas.	
Celso Barros Coelho (1922- ?) <sup>63</sup>	Jurista, intelectual, professor, advogado e político brasileiro. Foi um dos fundadores da FAFI. Presidente da APL.	Língua e Literatura Latina
José Gomes Campos (?-2007) <sup>64</sup>	Professor, ator, diretor, poeta e dramaturgo.	
Wilson de Andrade Brandão (1922-2001) <sup>65</sup>	Advogado. Professor universitário, escritor e político brasileiro.	Língua e Literatura Francesa
Helena Rocha <sup>66</sup>	-	
Pe. Raimundo Nonato Melo (1925-1985) <sup>67</sup>	Professor de latim e literatura universal na UFPI e em escolas públicas e privadas de Teresina e do interior do Estado.	Língua e Literatura Italiana
Teresinha Pinheiro Leal Nunes	-	Língua e Literatura Espanhola
Pe. Raimundo José Airemoraes Soares (1933-) <sup>68</sup>	Sacerdote e professor emérito. Diplomado em Filosofia pela Academia Romana de Santo Tomás em Roma, Itália.	Filologia Românica

continua

61 Informações disponíveis em: <https://www.parentesco.com.br/index.php?apg=pessoa>. Acesso em: 30 out. 2019.

62 Informações disponíveis em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300126262\\_ARQUIVO\\_TextoparaANPUH2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300126262_ARQUIVO_TextoparaANPUH2011.pdf). Acesso em: 30 out. 2019.

63 Informações disponíveis em: <https://www.academiapiaiuensedeletras.org.br/academicos/>. Acesso em: 30 out. 2019.

64 Informações disponíveis em: <https://www.portalentretextos.com.br/materia/o-adeus-a-gomes-campos,12480>. Acesso em: 30 out. 2019.

65 Informações disponíveis em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wilson\\_de\\_Andrade\\_Brandão](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wilson_de_Andrade_Brandão). Acesso em: 30 out. 2019.

66 Após buscas realizadas, não foram encontradas informações sobre esse professor. De agora em diante, todas as ocorrências em que, no lugar da titulação, tiver apenas o traço (-), entende-se que não foi possível localizar informações, até o momento, sobre os professores em questão.

67 Informações disponíveis em: <https://www.ufpi.br/livraria-edufpi>. Acesso em: 30 out. 2019.

68 Idem nota 63.

<b>PROFESSOR</b>	<b>TITULAÇÃO</b>	<b>DISCIPLINAS MINISTRADAS</b>
Manoel Paulo Nunes (1925-?) <sup>69</sup>	Professor, escritor, crítico literário e jornalista. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí (FADI).	Literatura Portuguesa
Raimundo Nonato Monteiro de Santana (1926-2018) <sup>70</sup>	Político, professor e escritor. Ex-professor catedrático de Economia da UFPI.	Literatura Brasileira
Pe. Luciano Ciman <sup>71</sup>	-	Introdução à Filosofia.
Pe. Hermínio Davis <sup>72</sup>	O primeiro capelão da Capelania Militar de São Sebastião da Polícia Militar do Piauí, criada pela lei estadual nº 937, de 16 de Fevereiro de 1954.	
Pe. Adriano Pigheti	-	Teologia
Lineu da Costa Araújo (1909-?) <sup>73</sup>	Médico	Psicologia educacional
Luzia Sá de Lira	-	Administração escolar
Carlos Bresciani	-	Didática

69 Idem nota 63.

70 Idem nota 63.

71 Idem nota 66.

72 Informações disponíveis em: <http://www.pm.pi.gov.br/capelania.php>. Acesso em: 30 out. 2019.

73 Informações disponíveis em: <https://www.geni.com/people/Lineu-da-Costa-Araújo>. Acesso em: 30 out. 2019.

## APÊNDICE B

### CORPO DOCENTE DO CURSO DE LETRAS DA UFPI (1972-2000)<sup>74</sup>.

PROFESSOR	TITULAÇÃO	DISCIPLINAS MINISTRADAS
Teresinha Pinheiro Leal Nunes	-	Língua Portuguesa e Linguística
José Reis Pereira <sup>75</sup>	Mestre em Linguística pela PUC-RJ (1974). Professor de Linguística da UFPI (1971 – 1993).	
Maria do Socorro Borges C. e Castro	-	
Luiz Ubiraci de Carvalho (1943-2014) <sup>76</sup>	Bacharel em Direito pela UFPI. Mestre em Linguística pela PUC-RS. Professor do Curso de Letras da UFPI até 1985.	
Helena Jina de Sousa Pereira	-	
Catarina de Sena Sirqueira Costa <sup>77</sup>	Mestre em Linguística pela UFSC (1979). Doutora em Linguística pela UNICAMP (1989).	
Maria Ismênia Reis Pereira <sup>78</sup>	Mestre em Letras. Professora aposentada do curso de Letras da UFPI.	
Zélia Maria José Fernandes dos Reis	-	
Wagner da Rocha Sena	-	
Maria Auxiliadora Ferreira Lima <sup>79</sup>	Mestre em Linguística pela UFSC (1984); Doutora em Linguística Aplicada pela UNESP (1997); Professora de Linguística da UFPI (desde 1985).	Língua Portuguesa e Linguística
Maria da Conceição Machado	-	
Maria Anecy Calland Marques Serra (-2018) <sup>80</sup>	Especialista em Língua Portuguesa pela PUC/MG (1986). Mestre em Educação pela UFPI (1997).	
Maria Ester Araújo <sup>81</sup>	Mestre em Linguística Aplicada pela PUC-SP (1993). Professora de Linguística da UFPI (1988 – 1996).	

continua

74 Após pesquisas realizadas pelos autores deste artigo, não foram encontrados dados referentes à formação acadêmica de todos os professores. No entanto, de acordo com Rêgo e Magalhães (1991, p. 31), à época, “dentre os professores relacionados constam: dois doutores, dezoito mestres e dezessete especialistas”.

75 Informações obtidas através de depoimentos pessoais do próprio professor.

76 Informações disponíveis em: <https://www.meionorte.com/pi/cidades/simplicio-mendes/faleceu-em-the-o-deputado-estadual-ubiraci-carvalho-292239>. Acesso em: 30 out. 2019.

77 Informações obtidas através de depoimentos pessoais da própria professora.

78 Informações disponíveis em: <https://www.facebook.com/mariaismenia.reispereira>. Acesso em: 30 out. 2019.

79 Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/6244305/maria-auxiliadora-ferreira-lima>. Acesso em: 30 out. 2019. Acesso em: 30 out. 2019.

80 Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/1457856/maria-anecy-calland-marques-serra>. Acesso em: 30 out. 2019. Acesso em: 30 out. 2019.

81 Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/2453178/maria-ester-de-araujo> Acesso em: 30 out. 2019.

<b>PROFESSOR</b>	<b>TITULAÇÃO</b>	<b>DISCIPLINAS MINISTRADAS</b>
Airton Sampaio de Araújo (1957-2016) <sup>82</sup>	Especialista em Língua Portuguesa pela UFPI (1989). Mestre em Educação pela UFPI (1997). Professor de Língua Portuguesa e Estilística da UFPI (1988 – 2016).	Língua Portuguesa e Linguística
Maria Dolores Teles	-	
Carlos Evandro Martins Eulálio <sup>83</sup>	Especialista em Linguística Descritiva pela UFPI (1978) e em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP (1998). Mestre em Educação pela UFPI (1999).	Latim
Josenir Alcântara de Oliveira <sup>84</sup>	Mestre em Filologia Românica pela USP (1995). Professor de Latim da UFPI (1989 – 2006).	
Cazimiro Távora Ramos	-	Teoria Literária
Maria do Socorro Rios Magalhães (1954-) <sup>85</sup>	Mestre em Linguística e Letras pela PUC-RS (1980). Doutora em Linguística e Letras pela PUC-RS (1997).	
Maria Gomes Figueiredo dos Reis	-	Literatura Brasileira
Lina Celso Pinheiro Ribeiro	-	
Maria Solange Almeida de Deus Leopoldino	-	
Mário Alfredo Oliveira Soares	-	
Fabiano de Cristo Rios Nogueira <sup>86</sup>	Especialista em Administração Universitária (1997). Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela UFPB (1979).	
Josias Soares Batista	-	Literatura Portuguesa
Manoel Paulo Nunes (1925-)	Professor, escritor, crítico literário e jornalista. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí (FADI).	
Raimunda das Dores dos Santos	-	
Maria do Perpétuo Socorro Neiva do Rêgo	-	

continua

82 Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/2936789/airton-sampaio-de-araujo#profissional> Acesso em: 30 out. 2019.

83 Informações disponíveis em: <https://www.portalentretextos.com.br/coluna/199/ensaio-critica>. Acesso em: 30 out. 2019.

84 Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/3223353/josenir-alcantara-de-oliveira> Acesso em: 30 out. 2019.

85 Informações disponíveis em: <https://www.academiapiaiuiensedeletras.org.br/academicos/>. Acesso em: 30 out. 2019.

86 Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/2201406/fabiano-de-cristo-rios-nogueira>. Acesso em: 30 out. 2019.

PROFESSOR	TITULAÇÃO	DISCIPLINAS MINISTRADAS	
Sarah Maria Mourão Benício	-	Língua Inglesa	
Patrícia Anne Vaughan	-		
Maria José de Sousa Lopes	-		
Teresa Maria Ferreira	-		
Maria do Perpétuo Socorro Rêgo Reis <sup>87</sup>	Mestre em Literatura – University of Notre Dame (1989). Mestre em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela UFSC (1981). Doutora em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela UFSC (1998).		
Noeme C. Pereira	-		
Antônia Dilamar Araújo <sup>88</sup>	Mestre em Língua Inglesa e Literatura Correspondente pela UFSC (1983). Doutora em Linguística Aplicada pela UFSC (1996). Professora de Linguística da UFPI (1977 – 1996).		
Isabel Maria Gadelha Diógenes	-		
Clarissa Neiva Nunes de Sousa	-		
Maria do Socorro Neiva Evaristo C. de Sousa	-		
Lina Rosa Ribeiro G. de Carvalho	-		
Maria de Lourdes Leal N. de Andrade Brandão (-2001)	-		Língua Francesa
Helena Conde Medeiros	-		
Ana Maria de Brito Mello	-		
Celina Martins Soares	-		
Irene Maria Cordeiro	-		
Sylvia Teresa Pereira Clarck <sup>89</sup>	Mestre em Teoria da Literatura pela PUC/RS (2000).		

87 Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/8872699/maria-do-perpetuo-socorro-rego-reis-cosme>. Acesso em: 30 out. 2019.

88 Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/1044755/antonia-dilamar-araujo> Acesso em: 30 out. 2019.

89 Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/2149439/sylvia-teresa-pereira-clark>. Acesso em: 30 out. 2019.